

O Turismo e a Investigação do Espaço Vivido de Comunidades Locais

Leticia Bartoszeck Nitsche¹

Miguel Bahl²

Resumo

O trabalho parte do princípio de que a implantação do turismo em pequenas comunidades envolvendo seus moradores deve considerar a investigação do espaço vivido destas pessoas, onde é essencial conhecer as relações que forjam a vida em comunidade. Compreender como ocorrem estas relações pode indicar canais de inserção para a discussão do turismo, visando uma participação mais efetiva da comunidade no processo. O desenvolvimento do trabalho sob o enfoque da geografia cultural se alinha aos estudos contemporâneos sobre a cultura na formação das sociedades e evidencia a percepção do homem em relação ao seu espaço vivido. A pesquisa tem como objetivo, investigar sob uma perspectiva cultural, a caracterização das comunidades abrangidas pelo itinerário turístico ‘Caminhos de Guajuvira’, no município de Araucária (Paraná-Brasil). A metodologia contou com pesquisas bibliográficas, documentais, entrevistas e observação pessoal direta na área de estudo. Como resultado, destaca-se a percepção de um espaço vivido coletivo vinculado à esfera religiosa, de ausência de lideranças comunitárias e de existência de uma memória coletiva saudosa dos áureos tempos da vila de Guajuvira.

Palavras-chave: Espaço vivido. Comunidade. Itinerários turísticos.

Introdução

A implantação do turismo em pequenas comunidades deve considerar o espaço de vivência de seus moradores, onde é essencial investigar as relações que forjam a vida coletiva do grupo. Compreender como ocorrem estas relações pode auxiliar a esclarecer porque é tão difícil a integração do turismo no cotidiano de muitas comunidades, em termos de participação no seu planejamento e gestão.

O estudo de alguns itinerários turísticos em áreas rurais da Região Metropolitana de Curitiba, Estado do Paraná (NITSCHÉ; NERI; BAHL, 2010) revelou dificuldades destes se

¹ Graduação em Turismo e Mestrado em Geografia pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Professora do Departamento de Turismo (UFPR). E-mail: lticia@gmail.com

² Graduação em Turismo e Licenciatura em Geografia (UFPR), Doutorado em Ciências da Comunicação (Área de concentração: Relações Públicas, Propaganda e Turismo) pela Universidade de São Paulo (USP). Professor do Departamento de Turismo e junto ao Programa de Pós-Graduação de Mestrado e Doutorado em Geografia (UFPR). E-mail: migbahl@ufpr.br

sustentarem sob a coordenação de representantes dos moradores locais. Mesmo com a criação de entidades oficiais como associações entre os participantes dos itinerários, constatou-se que os mesmos dependiam acentuadamente do poder público para tomada de decisões como a própria organização local das propriedades, a divulgação, a comercialização com agências de turismo, a busca pela qualificação de recursos humanos, entre outras.

Observou-se que de um modo geral, as comunidades desconheciam a proposta do turismo e, por outro lado, os proponentes do turismo do poder público não conheciam a dinâmica das comunidades, impedindo-os de identificarem canais de entrada para a discussão do turismo e sua melhor inserção junto aos grupos locais.

Para compreender estes espaços das comunidades repletos de significados, a presente pesquisa tem como abordagem a geografia cultural humanista que evidencia a percepção do homem em relação ao seu espaço vivido, com raízes no conceito de mundo vivido advindo da abordagem fenomenológica e da corrente francesa do *espace vécu*.

A pesquisa busca privilegiar a compreensão dos moradores de locais turísticos enquanto membros de uma comunidade, já que este espaço vivido é também conformado pelo coletivo. Por isso, a importância de se compreender como ocorre a dinâmica da vida comunitária.

A pesquisa foi desenvolvida em uma pequena comunidade que, assim como em muitas outras, o turismo ocorre na forma de um itinerário baseado nos aspectos culturais, com ênfase para os étnicos e rurais e, onde o planejamento e gestão do turismo são coordenados pelo poder público com pouco envolvimento dos moradores locais.

Assim, o objetivo da presente pesquisa alicerçou-se em investigar sob uma perspectiva cultural, a caracterização da comunidade abrangida pelo itinerário turístico ‘Caminhos de Guajuvira’, no município de Araucária (Paraná, Brasil), visando obter contribuições para ações de planejamento e gestão do turismo em pequenas comunidades.

A metodologia contou com pesquisas bibliográficas, documentais, entrevistas e observação pessoal direta na área de estudo.

1. Breves considerações sobre o itinerário turístico Caminhos de Guajuvira

O itinerário Caminhos de Guajuvira, possui aproximadamente 30 Km de estradas rurais, abrangendo 7 atrativos situados em 3 localidades do distrito de mesmo nome, sendo

elas: Camundá, Campestre e a própria vila de Guajuvira. A cultura polonesa está presente nas características dos moradores e em algumas práticas, como o idioma e a culinária. Além das propriedades de produção de flores, de pêssegos, de café rural e de um tradicional armazém, o roteiro também convida os visitantes a conhecerem a área central do distrito, onde se destaca a igreja e o horto florestal.

A criação da associação de turismo do itinerário veio a se formar tardiamente em 2010, depois de 6 anos de implantação do itinerário, e ainda assim, sob o incentivo exaustivo da Secretaria de Cultura e Turismo de Araucária. Com participação de 3 das 4 famílias pertencentes ao itinerário, a associação começa a desenvolver as suas primeiras ações, mas enfrenta o problema de não haver maior participação da comunidade. E ainda, é válido ressaltar que dos 8 proprietários que participavam do itinerário no seu lançamento em 2004, houve 4 desistências.

Esta reduzida participação da comunidade também se reflete na visão dos visitantes, ao perceberem que os aspectos produtivos e artesanais poderiam estar mais presentes neste roteiro, de acordo com os dados da Pesquisa de Demanda da Linha Turismo Rural (ARAUCÁRIA, 2010) referente ao período de 17/04 a 19/06/2010.

Nessa pesquisa de demanda, apesar de 99% dos respondentes declarar que fariam novamente o itinerário e 100% concordarem que indicariam para outras pessoas, 9 das 32 sugestões efetuadas solicitaram incluir mais propriedades no itinerário. Outros 5 visitantes declararam que gostariam de encontrar maior diversidade de produtos coloniais à venda, confirmando-se a necessidade de se incrementar a oferta turística do itinerário.

Supõe-se que estas características ligadas ao espaço vivido dos moradores não são percebidas com clareza pelos visitantes porque os próprios moradores não se dão conta delas e nem as reconhecem como um potencial de atração turística.

2. Relações entre espaço vivido e comunidade

Tendo em vista o exposto, a presente pesquisa se encaminhou no sentido de identificar qual a relação que se estabelecia entre os moradores e o lugar, levando os pesquisadores a procurar entender como se caracterizava este espaço de vivência.

Na geografia cultural, dentre as menções ao conceito de espaço vivido, ressalta-se aqui o conceito advindo das suas raízes francesas de *espace vécu* (espaço vivido) e fenomenológica de mundo vivido.

No final do século XIX, a fenomenologia de Edmund Husserl inspirou um movimento de crítica à ciência formal positivista, apregoando a necessidade de se captar a essência dos fenômenos e não se prender àquilo que aparece simplesmente como dados e fatos (REALE; ANTISERI, 1990, p. 553-555). Assim como explica Angela Alles Bello (1998, p. 12), “é o ser humano que deve ser investigado como produtor das manifestações que foram observadas”.

Alguns autores são claramente adeptos da geografia humanista fenomenológica, com destaque para Eduard Relph (1979), David Lowenthal (1982), Yi-Fu Tuan (1980; 1983), Anne Buttimer (1982), ao passo que outros seguem independentemente a linha francesa do espaço vivido (*espace vécu*), sem menção da fenomenologia.

Segundo Relph (1979, p. 3), mundo vivido é “aquele mundo de ambiguidades, comprometimentos e significados” onde os indivíduos estão inextricavelmente envolvidos em suas vidas diárias, mas o qual é tomado por muito certo. Na mesma obra, o autor (p. 6) chama a atenção para um mundo vivido cultural, onde se passa a maior parte da vida diária e está cheio de significados, como as ruas, os edifícios, as paisagens.

O mesmo autor (1979, p. 4) esclarece que “apesar de vivermos nele, o mundo vivido não é absolutamente óbvio, e os seus significados não se apresentam por si mesmos” e para desvendá-los sem destruir a complexidade dos seus significados, Relph defende o método fenomenológico como a melhor opção, pois este varia de acordo com a situação estudada, já que se trata do que é experienciado no mundo-vivido e cada vivência é diferente da outra.

Defensora da perspectiva humanista para a geografia, Anne Buttimer (1982, p. 172) explica que o mundo vivido não é um mundo constituído apenas por fatos e negócios “mas um mundo de valores, de bens, um mundo prático. Está ancorado num passado e direcionado para um futuro; é um horizonte compartilhado, embora cada indivíduo possa construí-lo de um modo singularmente pessoal”.

Com base nas idéias de Husserl³, Kozel Teixeira (2001, p. 146) apresenta o conceito de mundo vivido como o “conjunto de coisas, valores, bens e mitos inerentes a um mundo subjetivo”, sendo construído pela troca de significações. Neste contexto, a autora considera o

³ HUSSERL, E. **A idéia da fenomenologia**. Lisboa, Portugal: Edições 70, 2000. (Escritos de Husserl de 1907).

fato cultural como portador de sentido e gerador de significados, sendo necessária uma leitura interiorizada do vivido humano para poder compreender os homens e conseqüentemente a sua organização espacial.

O conceito de espaço vivido também é foco da corrente francesa do *espace vécu* ou espaço vivido, que tem Armand Frémont⁴ como seu principal defensor, segundo Gomes (2007), Claval (2002), entre outros autores. Ao analisar esta corrente de pensamento, Gomes (2007, p. 319) entende que o “espaço vivido deve, portanto, ser compreendido como um espaço de vida, construído e representado pelos atores sociais que circulam neste espaço”.

Desta forma, uma ciência preocupada com o espaço vivido das pessoas tende a colocar o homem no centro das pesquisas, procurando entender a sua visão sobre o mundo através da relação que estabelece com o seu espaço de vivência, incluindo os sentimentos de afeição (topofilia) e de rejeição que as pessoas nutrem em relação aos lugares (topofobia), segundo Yi-Fu Tuan⁵.

Admite-se, sobretudo, que o espaço vivido não é uma construção exclusivamente individual, mas que o coletivo influencia neste processo, uma vez que as pessoas possuem laços de convivência com as outras e constituem uma vida em comunidade. Assume-se aqui que a noção de comunidade “implica igualmente que os parceiros sintam-se pertencentes a um mesmo conjunto pelo qual cada um se sinta responsável e solidário” (CLAVAL, 2001, p. 113).

A comunidade pode ser construída a partir de várias relações, segundo Claval (2001, p. 114), por: elos de sangue que unem os membros de uma mesma família; um mesmo ideal do grupo, unido por contrato de associação ou por um projeto comum; uma mesma fé religiosa partilhada pelo grupo; a co-habitação de pequenos grupos em um mesmo lugar, formando a chamada ‘comunidade de lugar’.

Além disso, questões culturais acabam caracterizando indivíduos dentro de um mesmo grupo, como “aqueles que compartilham dos mesmos códigos; isto facilita as alianças e as camaradagens; maneiras de se alimentar, de comer, se sentar, de vestir, ritmos, horários, etc.” (CLAVAL, 2001, p. 109).

⁴ Em referência a sua obra *La région, espace vécu*, publicada em 1976.

⁵ TUAN, Yi-Fu. **Topofilia**. São Paulo: DIFEL, 1980.

A relevância de se conhecer em profundidade a constituição de um grupo cultural, característico dos estudos de natureza etnográfica, também é enfatizada por Bahl (2009, p. 125), no contexto do turismo étnico:

Ao se inventariar e identificar o patrimônio etnográfico de um lugar oriundo das tramas tecnológicas, econômicas, sociais e ideológicas surgidas ao longo do tempo, há oportunidade de se trabalhar uma cultura como um todo, pois o construto social de uma comunidade manifesta a existência de um sentimento de grupo e de pertencimento a determinada etnia, grupo ou nacionalidade.

Assim sendo, nesta pesquisa procurou-se investigar como estava constituída a vida coletiva na comunidade do itinerário, buscando identificar lugares e momentos em que as pessoas costumavam se reunir, bem como práticas culturais que caracterizassem o grupo.

Considerou-se que esta tarefa não se constituiria na obtenção de informações que viriam de forma sistematizada através dos habitantes locais ao responderem questionários fechados, mas tratava-se de um conhecimento a ser descoberto por meio de métodos que considerassem os sujeitos de pesquisa.

3. Aspectos metodológicos da investigação

Optou-se pela pesquisa qualitativa, ao se alinhar a característica da abordagem fenomenológica de se aproximar da vivência dos sujeitos e buscar os significados do fenômeno.

A coleta e a interpretação dos dados foram realizadas “de modo interativo durante todo o processo de investigação” (DENCKER, 1998, p. 126). Foi necessário combinar diferentes procedimentos e técnicas de coleta de dados, visto o caráter multimetodológico das pesquisas qualitativas:

As pesquisas qualitativas são caracteristicamente multimetodológicas, isto é, usam uma grande variedade de procedimentos e instrumentos de coleta de dados. Podemos dizer, entretanto, que observação (participante ou não), a entrevista em profundidade e a análise de documentos são os mais utilizados, embora possam ser complementados por outras técnicas. (ALVES-MAZZOTTI; GEWANDSZNAJDER, 2001, p. 163).

Além da pesquisa bibliográfica e documental, foram combinadas a observação e as entrevistas para a coleta de dados em campo, fazendo do próprio pesquisador o principal instrumento de observação e interação com a realidade estudada.

Utilizou-se a observação não-estruturada, também chamada de assistemática, por ser o “tipo de observação característico dos estudos qualitativos, [...] na qual os comportamentos a serem observados não são predeterminados, eles são observados e relatados da forma como ocorrem, visando descrever e compreender o que está ocorrendo numa dada situação.” (ALVES-MAZZOTTI; GEWANDSZNAJDER, 2001, p. 166).

Neste sentido, Dencker (1998, p. 127) ressalta ser uma grande vantagem das técnicas de observação permitir o registro do comportamento no instante em que este ocorre. E, sendo assim, houve a preocupação de anotar as observações em um diário de campo, gravar as entrevistas e fazer um amplo registro fotográfico.

Porém, não se tratou de uma observação meramente passiva, em que se tenha tentado captar todos os aspectos da realidade, pois como alerta Fourez (1995), descrever determinada situação é uma maneira de colocar em ordem o que foi observado e automaticamente eliminar o que não interessa.

Por proporcionar uma forma interativa de estabelecer contato com os sujeitos e coletar informações complexas que estariam inseridas no contexto de uma conversa, optou-se pela técnica da entrevista, procurando valorizar as narrativas orais como fontes de pesquisa.

De um modo geral, as entrevistas qualitativas são muito pouco estruturadas, sem um fraseamento e uma ordem rigidamente estabelecidos para as perguntas, assemelhando-se muito a uma conversa. Tipicamente, o investigador está interessado em compreender o significado atribuído pelos sujeitos a eventos, situações, processos ou personagens que fazem parte de sua vida cotidiana. (ALVES-MAZZOTTI; GEWANDSZNAJDER, 2001, p. 168).

Foram realizadas entrevistas semiestruturadas (gravadas em áudio e transcritas) com 10 representantes⁶ da comunidade envolvida com o itinerário no período de janeiro a maio de 2011, além de conversas informais com mais 12 moradores locais, durante o mesmo período. Também foi realizada pesquisa exploratória para coleta de informações com 7 representantes da Prefeitura de Araucária (Secretaria de Cultura e Turismo, Secretaria de Urbanismo, Museu Tindiquera e Arquivo Municipal) no período de abril de 2010 a maio de 2011.

⁶ Com termo de consentimento livre e esclarecido assinado pelos sujeitos de pesquisa.

4. Conhecendo aspectos do espaço vivido de Guajuvira

A exemplo da história oral, buscou-se captar nas narrativas, tanto elementos do presente, quanto do passado, pois para compreender uma comunidade é necessário compreender a sua gênese e os demais acontecimentos do passado que a fizeram ser o que ela é hoje.

Assim, no início das entrevistas com membros da comunidade, os sujeitos foram estimulados a falar sobre o surgimento da localidade em que estavam vivendo e sua relação com a vila de Guajuvira, além de assuntos como reuniões da comunidade, lazer, prática do idioma polonês, costumes, eventos, procurando uma comparação temporal de como era este espaço vivido que faz parte da memória da população e como ele estava ocorrendo atualmente.

Reunindo e analisando as falas dos moradores entrevistados⁷, evidenciou-se que a memória da população estava e está repleta de cenas sobre um movimentado passado da vila de Guajuvira que contava com pelo menos 1 fábrica de palhões⁸, 2 fábricas de cerâmicas e telhas, 5 casas de comércio, 1 açougue, 2 bares (um deles, chamado Bar do Pescador, atendia significativo fluxo de pescadores atraídos pelo então piscoso Rio Iguaçu), 1 Estação Ferroviária, 1 cartório, 1 agência de correios, 1 delegacia e uma sociedade recreativa (Clube Guajuvirense) com variadas atividades de cultura e lazer para a população.

Tinha correios, tinha gente do correio, tinha estrada de ferro, tinha a estação, então era movimentado. [...] tudo foi se dilapidando e não mais voltou. [...] Tínhamos a sociedade aqui, que foi fundada por todos os moradores aqui e daí tinha atividade, futebol, tinha cinema, nós tínhamos cinema, tínhamos dentro do clube ali várias diversões, jogatina, mesa de ping-pong, só que hoje está tudo desativado, hoje não tem nada. (E. W.).

⁷ Os trechos dos depoimentos aparecem no texto com a identificação das iniciais dos sujeitos pesquisados.

⁸ Palhões: produto fabricado a partir da palha de centeio trançada, utilizado na época, para proteger garrafas de vidro.

Este passado se contrapõe ao presente com a ausência das antigas fábricas, desativação do clube recreativo e abandono do prédio, demolição da estação ferroviária, fechamento da delegacia, do cartório e dos empreendimentos citados, com exceção de um deles⁹.

Observou-se também, indícios do crescimento urbano devido a criação de um loteamento residencial, o qual em muitos depoimentos foi associado à recente ocorrência de furtos na região, como declarou uma moradora: “[...] esses tempos começou [ocorrência de roubos], é que vem muita gente de fora morar aqui e aumentou, né, [...] roubo, um tempo não tinha, agora começou. [...] Vão fazendo casas assim pros lados, então aumentou bastante. A gente nem conhece quem mora lá (E. C.)”.

Se por um lado o distrito recebeu novos moradores, por outro, o lugar não oferece um futuro promissor para os jovens dali, os quais depois de completar o ensino médio tendem a mudar-se para áreas urbanas de Araucária ou de outros municípios, com o objetivo de trabalhar e/ou ingressar em um curso de nível superior.

Ao analisar a formação da comunidade em si, foi possível elencar alguns fatores que estariam prejudicando uma participação mais ativa da mesma em relação ao turismo.

O primeiro fator observado foi o da existência de pelo menos 3 diferentes núcleos comunitários ao longo do itinerário, correspondentes às 3 localidades anteriormente citadas, com pouca interação entre eles. Os momentos que reuniam maior número de pessoas estavam vinculados à esfera religiosa, como os cultos da igreja e as festas relacionadas às suas paróquias. Os entrevistados afirmaram não haver outros momentos em que a comunidade se reunisse para outras finalidades, inclusive as atividades de lazer também estavam atreladas ao espaço religioso, como a organização e participação nas celebrações paroquiais, conforme afirmou um produtor rural “o nosso lazer mais é almoçar na igreja, ir em festas. (S. W.)”, o que observou-se ser a única opção de lazer, pois “Olha, lazer, não temos lazer, nós não temos locais de lazer dentro do distrito. (E. W.)”.

Constatou-se também não haver o reconhecimento de uma liderança comunitária. Assim como não eram realizadas reuniões da comunidade para tratar de assuntos pertinentes a sua esfera, também os proprietários participantes do itinerário não tinham o hábito de se reunir para discutir os assuntos relativos ao turismo, salvo quando pela intermediação da Secretaria Municipal de Turismo.

⁹ Comercial Iguaçu, uma espécie de armazém que está com a mesma família desde 1958, mas já existia antes como ponto de comércio. O empreendimento participa do itinerário turístico.

As relações comerciais também mostraram algumas mudanças nos hábitos locais, onde os alimentos para o consumo próprio passaram a ser produzidos com menor frequência, tanto os produtos coloniais (pães, queijos, manteiga, geléias, bolos, bolachas), como os hortifrutigranjeiros. Em contrapartida, a população passou a se deslocar até semanalmente para os supermercados da cidade de Araucária com a finalidade de efetuar as compras que necessitam.

“Depois que começou a surgir o supermercado, daí o povo foi se afastando (T. C.)”, declarou a proprietária de um dos dois estabelecimentos comerciais de Guajuvira. Da mesma forma, outra entrevistada confirmou a transformação em relação ao passado: “Mas não saíam [os moradores] fazer compra como hoje em dia a gente faz no mercado, aquele tempo tinha mais armazém, a gente comprava mais aqui né. (E. C.)”.

Cabe observar que o ponto de venda do armazém é o único remanescente de todo o centro movimentado que existiu no passado da vila e ainda preserva a particularidade de ser uma espécie de lugar em que alguns moradores acabam se encontrando e também podem estabelecer um contato direto com os visitantes do itinerário, por ser um dos atrativos do mesmo.

Alguns dos aspectos da comunidade pesquisada podem servir para reforçar a identidade cultural do itinerário, como o fato das populações manterem traços da cultura dos seus colonizadores poloneses. O idioma polonês, apesar de vir perdendo o interesse das gerações mais novas, ainda é praticado por muitos moradores, inclusive para os mais velhos pode representar o seu primeiro idioma, conforme declarou uma moradora de 85 anos, “agora eu sei bem em polonês [...] Em brasileiro eu até me atrapalho, mais do que em polonês. Nasci em polonês. (J. N.)”.

Estes são alguns dos aspectos levantados durante a pesquisa de campo que podem contribuir com a composição de uma visão mais clara sobre o espaço vivido das pessoas destas comunidades.

5. Considerações finais

Os itinerários turísticos, principalmente aqueles envolvendo produtores rurais que dependem do trabalho no campo para a sua sobrevivência, dependem da coesão destas

peças e de representantes da população a fim de que ocorra a gestão do turismo de forma integrada e participativa.

O fato da gestão do itinerário Caminhos de Guajuvira ocorrer sob a responsabilidade do poder público em decorrência da continuidade do projeto iniciado por ele e da tímida atuação da associação de turismo conforma uma gestão susceptível às ameaças que possam surgir. Uma delas apontada por Nitsche (2011, p. 46) se refere à interrupção do projeto devido ao problema da descontinuidade política, uma vez que não haja a sustentação sob os pilares das iniciativas locais.

A ausência de líderes comunitários e de momentos de discussão sobre assuntos de interesse coletivo na comunidade estudada, dificulta o conhecimento da população sobre o turismo e a própria discussão do mesmo, ainda que de forma espontânea e inicial.

Identificar os espaços vividos da esfera religiosa como os de maior interação intra e intercomunidades indica que eles podem representar um canal de inserção para a discussão do turismo nestes espaços vividos.

O conhecimento sobre os áureos tempos da vila de Guajuvira, que permanece na memória dos moradores, orgulhosos das antigas fábricas, da estação ferroviária, dos estabelecimentos comerciais e dos serviços oferecidos a população, pode contribuir com a valorização da história local e identidade do lugar, inclusive na composição da oferta turística do itinerário.

Referências

- ALVES-MAZZOTTI, A. J.; GEWANDSZNAJDER, F. **O método nas ciências naturais e sociais**: pesquisa quantitativa e qualitativa. 2. ed. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2001. (2ª reimpr. da 2ª ed. de 1999)
- ARAUCÁRIA. Prefeitura Municipal. Secretaria Municipal de Cultura e Turismo (SMCT). **Pesquisa de Demanda da Linha Turismo Rural**, Araucária, 2010.
- BAHL, M. Dimensão cultural do turismo étnico. In: PANOSSO NETTO A.; ANSARAH, M. G. dos R. (Orgs.) **Segmentação do mercado turístico**: estudos, produtos e perspectivas. Barueri, SP: Manole, 2009. p. 121-140.
- BELLO, A. A. **Culturas e religiões**: uma leitura fenomenológica. Bauru: EDUSC, 1998.
- BUTTIMER, A. Apreendendo o dinamismo do mundo vivido. In: CHRISTOFOLETTI, A. (Org.) **As perspectivas da geografia**. São Paulo: DIFEL, 1982. p. 165-193.

CLAVAL, P. **A geografia cultural**. 2. ed. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2001.

_____. A revolução pós-funcionalista e as concepções atuais da geografia. In: MENDONÇA, F.; KOZEL, S. (Orgs.) **Elementos de epistemologia da geografia contemporânea**. Curitiba: UFPR, 2002.

DENCKER, A. de F. M. **Pesquisa em Turismo: planejamento, métodos e técnicas**. 9. ed. (rev. e ampl.) São Paulo: Futura, 1998.

FOUREZ, G. **A construção das ciências**. São Paulo: Ed. Da UNESP, 1995.

GOMES, P. C. da C. **Geografia e modernidade**. 6. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

KOZEL TEIXEIRA, S. **Das imagens às linguagens do Geográfico: Curitiba a Capital ecológica**. 310 f. Tese (Doutorado em Geografia Física) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo (FFLCH-USP), São Paulo, 2001.

LOWENTHAL, D. Geografia, experiência e imaginação: em direção a uma epistemologia geográfica. In: CHRISTOFOLETTI, A. **As perspectivas da geografia**. São Paulo: Difel, 1982. p. 103-141.

NITSCHKE, L. B. Compreendendo a Comunidade do Guajuvira, em Araucária, Paraná (PR), Brasil e sua interação com o turismo, sob uma perspectiva cultural. **Turismo e Sociedade**, Curitiba, v. 4, n. 1, p. 32-50, abr. 2011. Disponível em: <<http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/turismo/issue/view/1172>>. Acesso em: 02/05/2011.

NITSCHKE, L.; NERI, L. de F.; BAHL, M. Organización local de itinerarios turísticos en la Region Metropolitana de Curitiba, Paraná, Brasil. **Gestión Turística**. (Valdivia). [online]. jun. 2010, n. 13, p. 93-112. Disponível em: <http://mingaonline.uach.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0718-64282010000100004&lng=es&nrm=iso>. ISSN: 0718-6428. Acesso em: 31/07/2010.

REALE, G.; ANTISERI, D. Edmund Husserl e o movimento fenomenológico. In: ____ **História da Filosofia**. v. 2. São Paulo: EP, 1990.

RELPH, E. C. As bases fenomenológicas da Geografia. **Geografia**, Rio Claro, UNESP, v. 4, n. 7, abril, 1979.

TUAN, Y. F. **Topofilia**. São Paulo: DIFEL, 1980.

_____. **Espaço e Lugar**. São Paulo: DIFEL, 1983.